

O Teatro Como Representação, Entrevista Com Karine Teles

Theater As Representation, Interview With Karine Teles

El Teatro Como Representación, Entrevista Con Karine Teles



Foto: Francisco Teles Pizzi

*Vocês, artistas que fazem teatro
Em grandes casas, sob sóis artificiais
Diante da multidão calada,
procurem de vez em quando
O teatro que é encenado na rua.
Cotidiano, vário e anônimo, mas
Tão vívido, terreno, nutrido da convivência
Dos homens, o teatro que se passa na rua.
Bertolt Brecht*

RESUMO

A representação teatral é uma forma poética de uma coletividade expressar suas próprias representações sobre a realidade. Como manifestação artística complexa, ao longo da história, o teatro lança um olhar sensível, estético e ético, sobre as angústias e conflitos humanos, dá materialidade a seu imaginário, seus desejos e sonhos. Em tempos de tantos ataques à classe artística e à cultura, de censura a obras e espetáculos, é importante refletirmos sobre o papel do teatro como representação e, para tal, convidamos a premiada atriz, roteirista e diretora Karine Teles. Atuando desde os 14 anos, Karine construiu sua carreira no teatro, na Tv e no cinema dando vida a diferentes personagens femininas como Madame Dechirré, a dona de um bordel, em *Filhos da Pátria* (2017); Irene, a mãe emocionada de *Benzinho* (2018), Gilda, uma criadora porcos e galinhas (2018) e a forasteira Maria, em *Bacurau*.

ABSTRACT

Theatrical representation is a poetic form of a collectivity expressing its own representations of reality. As a complex artistic manifestation, throughout history, the theater casts a sensitive, aesthetic and ethical look on human anguish and conflict, gives materiality to its imagination, its desires and dreams. In times of so many attacks to the artistic class and culture, from censorship to works, plays and shows, it is important to reflect on the role of theater as representation, and to this end, we invite award-winning actress, screenwriter and director Karine Teles. Acting since she was 14 years old, Karine has built her career in theater, TV and film giving life to different female characters such as Madame Dechirré, the owner of a brothel, in *Filhos da Patria* (2017); Irene, *Benzinho's* thrilled mother (2018), Gilda, a pig and chicken breeder (2018) and outsider Maria, in *Bacurau*.

RESUMEN

La representación teatral es una forma poética de una colectividad que expresa sus propias representaciones de la realidad. Como forma de arte compleja, a lo largo de la historia, el teatro tiene una mirada sensible, estética y ética, sobre la angustia y los conflictos humanos, da importancia a su imaginación, sus deseos y sueños. En tiempos de tantos ataques contra la clase y la cultura artística, desde la censura hasta las obras y espectáculos, es importante reflexionar sobre el papel del teatro como representación, y para este fin, invitamos a la galardonada actriz, guionista y directora Karine Teles. Actuando desde que tenía 14 años, Karine ha construido su carrera en teatro, televisión y cine dando vida a diferentes personajes femeninos como Madame Dechirré, dueña de un burdel, en "Filhos da Patria" (2017); Irene, la madre emocionada de "Benzinho" (2018), "Gilda", una criadora de cerdos y pollos (2018) y María la forastera (extranjera) "Bacurau".

Regina Bortolini/Intervozes - A representação foi uma das primeiras formas de comunicação elaboradas pela humanidade. Representar é a arte do ator, da atriz. Mas o que é a representação pra você?

Karine Teles – A representação pra mim é o exercício da empatia. Se colocar no lugar do outro. Acho que ela existe desde que a humanidade existe porque ela é uma forma muito eficiente de espelho. Tanto para o ator quanto para o espectador. A gente representa papéis socialmente, mas como arte ela serve primordialmente para que a gente se coloque no lugar do outro. Tanto quem está em cena, quanto quem está assistindo se coloca no lugar daquela personagem. Por isso eu acho que é uma arte tão importante e fundamental que não vai morrer nunca. Porque é um exercício de amadurecimento, de compreensão da nossa humanidade, de quem somos e de não estamos sozinhos... de que as nossas questões, são questões de muitas outras pessoas também.

Regina Bortolini/Intervozes - O ato dramático expõe, ressignifica, dá sentido ao comum, ao que é mundano e ordinário? Como ele faz isso?

Karine Teles - A vida cotidiana de uma mãe de classe baixa quando filtrada pela lente do cinema, por exemplo, ganha complexidade e provoca empatia, mesmo em quem não tem semelhanças. Acho que os recortes dramáticos funcionam como lentes de aumento. Eles destacam aspectos específicos da vida e, chamando atenção pra eles, provocam reflexão.

Regina Bortolini/Intervozes - Clarice Lispector disse uma vez: "então sonhei um sonho tão bom: sonhei assim: na vida nós somos artistas de uma peça de teatro absurdo escrita por um Deus absurdo. Nós somos todos os participantes desse teatro: na verdade nunca morreremos quando acontece a morte. Só morreremos como artistas. Isso seria a eternidade?" O que você acha? A arte dramática permite transcender? Quando a arte é transcendente?

Karine Teles - Não sei se apenas a arte dramática permite transcender... Acho que eventualmente todas as artes podem alçar esse voo. Contraditoriamente imaterial, porém real, a arte é poderosa, transborda para além do seu tempo presente. O trabalho do artista é transformador, mas o que permanece é a obra. Afinal, o resultado da obra de arte está para além do artista, porque nenhuma obra de arte se completa sem o público.

Regina Bortolini/Intervozes - O teatro como evento é efêmero, mas naquilo que ele afeta o público é transcendente! É isso?

Karine Teles - Sim! A interpretação do artista é efêmera e o artista é limitado a seu corpo físico. A transcendência pode vir do encontro, do "evento". O acontecimento artístico (obra e público) pode ser poderoso, transcendente, e afetar de forma efetiva algumas pessoas presentes e marcar um lugar...

Regina Bortolini/Intervozes - Você comemorou seus 25 anos no palco com *OS ÚLTIMOS DIAS DE GILDA*. Por que essa peça? Por que essa personagem? O que ela representa pra você?

Karine Teles - Gilda é um texto fortíssimo do autor Rodrigo de Rouse, escrito pra mim há muitos anos... A primeira montagem desse texto aconteceu na Sala Paraíso do Teatro Carlos Gomes do Rio de Janeiro, quando eu tinha 25 anos de idade e estava ainda muito em início de carreira, apesar de já ser atriz há 10 anos na época. Gilda fala de preconceito e liberdade, de afeto e ódio, fala do embate ancestral entre o amor e o ódio. Na época em que fizemos o espetáculo pela primeira vez, eu sabia

que a minha experiência de atriz e de mulher ainda era aquém das necessidades do texto, mas mesmo assim tenho muito orgulho do que fizemos na época. Eu dizia que queria fazer Gilda de novo, depois que tivesse sido mãe - essa transformação violenta e poderosa na vida de uma mulher - e por isso escolhi remontar, revisitar, redescobrir esse texto. Gilda me coloca em contato com a força primal do feminino, com a generosidade, o acolhimento... Fora que trabalhar com o Camilo - meu grande amigo e artista que admiro profundamente, sempre me proporciona descobertas e me leva a novos lugares de possibilidades cênicas de maneira carinhosa e generosa. Para uma comemoração, uma marca do meu caminho, a alegria de ser Gilda me pareceu a melhor escolha.

Regina Bortolini/Intervozes - Fala um pouco dessa força primal do feminino tão presente em suas personagens.

Karine Teles - É difícil definir isso com precisão. Pra mim, é mais uma sensação do que uma coisa explicável. Acho que a energia feminina é a energia da criação, da vida, do amor, do acolhimento. A energia feminina está (pode estar) em homens e mulheres, está na natureza - a semente, a terra... a energia primal feminina pra mim é a força violentíssima da vida, de gerar vida...

Regina Bortolini/Intervozes - Como roteirista, de onde você tira elementos para construir suas narrativas e personagens? Você usa elementos do imaginário social na construção de personagens?

Karine Teles - Eu tiro da minha vida, da minha experiência, das minhas observações sobre a minha vida e a vida das pessoas ao meu redor... Claro que tudo isso filtrado pelas minhas referências muito ecléticas, de cinema, literatura, música, artes plásticas... Parto sempre de algum assunto, uma abordagem, que me interessa/incomoda/intriga e sigo a partir daí.

Regina Bortolini/Intervozes - A construção da personagem sempre exige muito do ator. Às vezes, a personagem é densa e, imagino, provoca processos subjetivos em que parte de sua emocionalidade está na personagem. Como é esse processo? Como você faz para lidar com isso? Pedacos da personagem ficam em você?

Karine Teles - Todas as personagens que eu faço são construídas através da minha subjetividade... da minha vivência ou das minhas observações, mas a não ser pelo exercício de prestar mais atenção a uma característica (que a personagem precise) mais do que outra por um tempo. Eu não "misturo as coisas". As questões de cada trabalho me transformam como um novo conhecimento adquirido, mas emocionalmente as coisas são bem separadas para mim. Eu uso as minhas emoções, mas não sou dominada por elas. O que fica em mim são as experiências, a vivência dos trabalhos, os lugares visitados (interna e externamente).

Regina Bortolini/Intervozes - *Bacurau* pode ser considerada uma alegoria da realidade brasileira? Qual a importância de um filme como *Bacurau* hoje?

Karine Teles – *Bacurau*, a meu ver, é uma alegoria da história do Brasil e de outros países da América Latina, invadidos com violência, desigualdade e raiva exploratória. Uma realidade que, infelizmente, ainda provoca nossas maiores mazelas. O filme é importante porque soma a outros filmes de outras culturas que discutem o mesmo assunto e provoca nas pessoas reflexões sobre a força da comunhão entre as diferenças e o orgulho de suas origens a partir do conhecimento de sua história. *Bacurau* fala sobre pessoas com consciência ampla e a mente aberta como agentes da resistência. Acredito que estamos num momento de grande transformação social por conta do maior acesso a

informação, estamos revisitando nossa história e começando a contá-la pelo nosso ângulo e não pelo olhar do dominador. Vários setores da sociedade têm se movimentado para estimular essa tomada de consciência. Ao mesmo tempo que uma força conservadora luta para permanecer no poder, muitos avanços estão sendo conquistados. Um filme como *Bacurau* estar 12 semanas em cartaz, em mais de 25 cidades no Brasil, é sinal que estamos atentos.

Regina Bortolini/Intervozes - Nesse sentido, você acredita que a arte, ao mesmo tempo que expressa a realidade, tem o poder de ressignificá-la? Contribuir para a sua transformação?

Karine Teles - Sim. Acredito que esta é a função da arte e por isso ela existe desde que os humanos existem.

Regina Bortolini/Intervozes - Uma última palavra!?

Karine Teles - Eu acredito que a única forma de evoluirmos social e humanamente é através da cultura.